

Caeus Petronius como um Intelectual de sua Época: Um Estudo de caso no *Satyricon*

Thyago Christiano Dobbro Scheffer

Resumo: No presente texto partimos do pressuposto de enquadrar Petrônio como uma intelectual de sua época. Para pensar essa idéia, o estudo aborda a trajetória do autor, desde sua formação política e letrada até a sua morte. Também é observado o diálogo feito com Sêneca, autor contemporâneo de Petrônio. No *Satyricon* observamos vários pontos que nos indica uma forma diferente de pensar sobre vários pontos da sociedade romana do século I da era cristã, como por exemplo, a mobilidade social, os libertos e a sexualidade, estes aspectos bem visíveis na obra analisada. Olhando para a obra e seu autor, vemos que o mesmo ocupava cargos de suma importância no império, relatando sua passagem pelo *Cursus Honorum*¹. Ao que tudo indica a obra de Petrônio atualmente vem sendo analisada de várias maneiras, mas ainda assim seu estudo é recente em comparação com outros da mesma época, essa maneira de enxergar a antiguidade coloca Petrônio em outro segmento de escrita, pois os pontos citados acima são mostrados com um referencial de deboche pelo autor. Essa atitude em mostrar a sociedade de um modo que nos dê uma visão invertida dos valores morais na prática do cotidiano. Levando em consideração o diálogo feito com as obras de Sêneca que no *De Clementia* (Uma espécie de cartilha feita para moldar a figura de Imperador em vários aspectos, desde como se comportar em público até como “gerenciar” o império) coloca alguns valores morais a serem seguidos que no *Satyricon* de Petrônio está visivelmente ao contrário, como por exemplo, a questão da sexualidade, esta é mostrada em várias cenas da obra e sempre com uma insinuação bem erotizada, o que sugere que além das “práticas libertinas” serem realizadas, elas também faziam parte do gosto dos populares no que se refere a leitura dos *Civitas*², sendo que até Nero, contemporâneo de Petrônio era apreciador do texto do mesmo. Contudo ao aplicar essa visão ao estudo da antiguidade podemos perceber que o fato de observar o mundo antigo por essa perspectiva dos populares, entende que a pesquisa volta-se ao que propunha a *Escola dos Annales*. Por fim, comentando os aspectos apontados anteriormente no decorrer da pesquisa e mais alguns que serão discutidos ao seguir do texto fazem com que se sugere que Petrônio pode ser colocado como um intelectual de sua época, pois sua obra, o *Satyricon*, nos deixa clara a intenção de que o autor não somente colocava alguns fatos do cotidiano no texto, mas também se pode sugerir que ele (Petrônio), fazendo tais demonstrações de deboches em algumas ocasiões, faz-nos pensar a idéia de uma contra posição ao que, de fato era considerado um padrão.

Palavras-chave: Intelectual; Sociedade Romana; *Satyricon*.

Caeus Petronius ou simplesmente Petrônio como é conhecido na contemporaneidade foi um autor que vivera no século I da era cristã. Nasceu em uma família abastada em torno do ano 27 d.C., ocupou cargos de suma competência como os de pro-cônsul e cônsul da Bitínia, na qual hoje se encontra o território da Turquia. Sua relação com a sociedade se destacava pela forma em que ele colocava a sociedade de sua época, mostrando os deboches e a ignorância de pessoas que não possuíam o domínio da cultura letrada, mas tinham influência por serem ricas, no caso apontado, essas pessoas eram os novos ricos, escravos libertos que tinham herdado toda fortuna de seus senhores. Nesta perspectiva, Petrônio aponta de forma satírica os erros de retórica, que Trimalquião, uma personagem do *Satyricon* faz com frequência. Essa ignorância e outros aspectos como a sexualidade é mostrada de maneira clara em sua obra, fazendo um contraponto a Sêneca, escritor do *De Clementia*, uma cartilha que seria utilizada para formação de imperadores, na qual se respeitava e instituíam padrões morais e sociais. Contudo Petrônio ao escrever o *Satyricon*, se opôs a estas ‘regras’ e com isso não possuía muito apreço pelos *civitas*, mas Nero via ainda com bons olhos e o nomeia Arbitro da elegância. Após um incidente conspiratório, Petrônio cai em desfavor e Nero o condena a se suicidar, por volta de 66 d.C. Neste espaço temporal de cerca de dois mil anos, o único registro de textos que chegou aos tempos atuais, foi o *Satyricon*, contudo não deixa de ser uma fonte rica em aspectos do cotidiano romano da antiguidade e mesmo sendo uma obra polêmica, até mesmo para os dias de hoje, é considerado o primeiro romance do ocidente, uma obra literária que é muito estudada para termos mais referências sobre como viviam as pessoas que não eram objetos de análise por autores na antiguidade. Ao mencionar o autor como contra ponto de um parâmetro social, é importante colocar em pauta o que se referia o outro valor anteriormente dito. Sêneca, afirmava que a sociedade romana de sua época deveria ter padrões e estes teriam que ser respeitados como mostra a citação a seguir:

“O ideal de beleza preconizada para a elite romana define a bela mulher como aquela de pele alva, belas formas, peso moderado, estatura alta, cabelos longos, elegante e Culta. Dela espera-se a virgindade, a castidade, a procriação e a fidelidade ao esposo”(FEITOSA; RAGO, 2008:112)

Seguindo com o que Petrônio sugeria em seu texto, ao falar de padrões, no *Satyricon* se passa muitas cenas na qual o autor não nos poupa detalhes, e estes sempre erotizados ou de maneira debochada. Ao cair nas escrituras da obra de Petrônio o leitor nota o teor despudorado em que o texto foi escrito. Pierre Grimal comenta em sua obra *A Vida em Roma na Antiguidade* como possivelmente Petrônio enxergava a figura de Trimalchião, mesmo sendo somente uma personagem, o novo rico, era a figura caracterizada de vários homens que provavelmente estavam nas mesmas condições e agiam da mesma maneira que a figura cômica de Trimalchião nos passa. Na passagem, Grimal diz:

“Ele não hesita em fazer alarde do seu saber, discute literatura, cita Homero a torto e a direito e diz-se conhecedor de ourivesaria. Em resumo, ele é caricatura desses grandes senhores que, um pouco mais tarde, aparecem no meio frequentado por Tácito e Plínio, *o jovem*, e são em todas as coisas, amadores esclarecidos”. (GRIMAL, 1995:104)

Voltando no que diz respeito aos pontos citados acima no decorrer do texto, ao retratar o anfitrião do banquete, vemos que a mobilidade social existia realmente, que não era um fato extraordinário. Um gladiador, por exemplo, ser muito rico e livre, ou um escravo domiciliar ser beneficiado com uma herança pelos seus serviços prestados ao senhor que detinha sua guarda era algo por vezes comum. Contudo devemos lembrar que há muita diferença entre os dois tipos de escravo, o gladiador, se bom combatente dentro das arenas, ganhava além de riquezas prestígios, que os tornavam famosos em todo o Império arrastando um fervor tanto por crianças que se deliciavam com as batalhas na arena até as mulheres que se destituíam de qualquer moralidade para possuir sexualmente um desses “homens-deuses”. Catherine Salles

aponta em sua obra *Nos Submundos da Antiguidade* esse fervor por parte das mulheres que as vezes chegavam a deixar a família para viver verdadeiras aventuras ao lado de gladiadores, músicos, mímicos entre outros que estavam condenados perante a sociedade, ou seja, “os marginais”. Porém devemos lembrar que o mesmo não acontecia com o escravo doméstico, este, não era cercado de glória, mas sim de afazeres, contudo há muitos casos de Matronas que se deitavam com seus servos. Sêneca escreve uma passagem que nos revela certa indignação sobre o acontecido, o texto é “Sobre boas ações, VI, 32, I, aqui o autor relata uma cena na qual a filha de um senador usa o foro que seu pai usava para fazer votar as leis para fazer orgias, e se desgosta pelos jovens da alta nobreza que se deleitam com os prazeres na qual esse “baixo escalão” propicia a eles. O fato de alguns escravos desfrutarem dessas manifestações não os davam condições de voto ou voz ativa no senado, pois podiam até serem livres mas não eram *civitas*, por esse motivo seus esforços eram demasiados limitados em relação ao poder. Muitos usavam o seu dinheiro para ganhar influência dentre os nobres, mas estes sempre faziam questão de lembrar suas condições. Dentre os libertos havia uma espécie de “classe” (não é o termo adequado, mas é mais fácil para compreensão), os que foram libertos e ganharam uma boa quantia em fortunas e os que não tiveram a mesma sorte, e posteriormente a sua libertação entravam em dívidas ou sem ter como se manter se tornavam escravos novamente para poder pagar seus gastos ou para pelo menos ter onde morar e comer. Outra “classe” de escravos, os gladiadores, também tinham suas divisões, ao começar pelo próprio *Ludus Gladiatorum*³, na qual só eram considerados do mesmo nível após terem passados por uma prova, esses homens das arenas também tinham seus desejos de “imortalidade” pois se preocupavam muito em relação a hora de sua morte, Renata Senna Garraffoni aponta em seu livro *Gladiadores na Roma Antiga: Dos combates as paixões cotidianas* o desejo dessa “imortalidade”, ao analisarmos figuras de lápides funerárias de gladiadores a autora conclui: “Tal imagem expressa, em nossa opinião, o desejo do defunto em manter sua memória[...]” (Garraffoni, 2005:163).

Voltando a falar da sexualidade libertina existente no império romano e visivelmente mostrado no *Satyricon*, não podemos esquecer os cultos existentes ligados ao sexo, como no caso das personagens Encolpo e Ascilto que em um das cenas entram sem querer em um culto a *Príapo*⁴. Sexualidade libertina era uma coisa muito comum nos costumes dos romanos, como citado anteriormente, algumas mulheres da alta nobreza se deleitavam com amantes e eram libertas suficientemente a ponto de chocar a sociedade, como no caso apontado por Salles:

[...] em 19 d.C., a esposa do pró-cônsul da Gália Narbonesse, que se chamava Vistília, apresenta-se diante dos *edis* e declara publicamente que renuncia à sua condição de membro da nobreza senatorial para se tornar prostituta.” (SALLES, 1982: 272)

Com isso podemos observar que aquele padrão existente em relação à mulher e os demais costumes não era de fato uma prática habitual dentre os romanos mesmo estes sendo da mais alta nobreza. Olhando mais a fundo a questão desses hábitos libidinosos nos deparamos também com a figura do “preferido” de seu senhor, quem realizou a leitura do *Satyricon*, nota que as personagens Ascilto e Encolpo, viajam nas suas aventuras com o bonito e jovem Gitão, um rapaz que era provavelmente um escravo, apesar de não constar isso no texto de Petronio o que nos leva a pensar nisso é o fato das ordens dadas ao garoto que pertenciam a obedecer, contudo além dessas ordens é percebido que a personagem Encolpo tem prazeres carnavais com o mesmo, esse ponto a que foi chegado atualmente é impregnado de preconceitos, mas levando em considerações o âmbito cultural da Roma antiga esses valores existentes na atualidade não se podem levar em consideração, pois em uma sociedade de mais de dois mil anos os conceitos a respeito de comportamento eram outros. Com uma passagem de um texto publicado no Encontro Regional Sul dos Estudantes de

História denominado *Caeus Petronius e o seu Satyricon: uma leitura da sociedade romana do século I da era cristã* pode sugerir essa diferença, na qual o trecho diz:

“[...] colocaremos em pauta a parte educacional que também era erotizada, pois os professores eram geralmente os que iniciavam os alunos isso em termos acadêmicos e também sexuais. Um costume grego não pode negar, mas que os romanos adaptaram muito bem aos seus, pois acreditavam naquilo como formação do verdadeiro romano e instituíam o amor ideal sendo o de um homem para outro. Fugindo um pouco na questão cronológica, colocamos um pensamento de Aristóteles, que enfatizava sobre quando dois homens vão para cama no âmbito de obter prazeres libertinos, isso está errado, mas quando dois homens se deitam juntos com amor e constrói algo significativo para si e para a sociedade, isso é o correto e isso é o verdadeiro amor” (SCHEFFER, 2010: 09).

Continuando o assunto, o que instigava o repúdio dos romanos da “classe” dos moralistas era principalmente as atividades sexuais relacionadas a dar prazer. Para eles, o fato de um homem cidadão romano até poderia manter relações sexuais com outro homem desde que este seja o ativo da relação a função de dar prazer estava relacionado a mulher e aos *Effeminatus*⁵ estes sim, considerados inferiores. Alfonso Cuatrecasas relata esse fato em sua obra *Erotismo no império romano* apontando o que Congílio recebe por ter usado de tal prática no sexo, na qual coloca sua língua como adúltera, ou seja, traidora. Aqui se retrata o coito oral, este em relação aos outros, era bem visto desde que seja o homem que esteja como ativo, pois como já citado anteriormente, não se tolerava que o homem, ou seja, o *Civita* praticava este ato como passivo. Nesta parte vemos vários trechos de pessoas elogiando algumas mulheres que sem hesitar faziam esta prática e também vários trechos na qual, mostra-se a indignação do marido em relação à esposa que não se dispunha a tal ato. Em um pequeno trecho extraído de uma passagem é mostrado essa indignação do marido com sua esposa, não colocaremos o trecho todo, pois o mesmo é muito longo, mas logo o que se diz na passagem de Marcial, é o descontentamento do marido com a esposa que nem a mesa ela tem os mesmos hábitos que o marido, tão pouco na cama onde ele gosta de prazeres longos e lascivos. A seguir veremos trechos sobre um derivado do coito anal, que é a pederastia, esta ao contrário do coito anal propriamente dito era visto com maus olhos. No trecho a seguir vemos claramente o quão “sujo” era este ato perante os romanos:

“Estás vendo, Décio, esse homem de cabelos despenteados, cujas sobranceiras franzidas te impõe respeito e só a fala dos Fúrios e dos Camilos, heróis da liberdade romana? Não te fies no seu porte: ontem cumpria funções de esposa” (CUATRECASAS, 1997: 79 *apud* MARCIAL, I, 24).

Cuatrecasas afirma que deveríamos ver o homem romano como um claro exemplo de bissexualidade. Pois para eles o “homossexual” é mencionado como aquele que faz o papel da mulher, ou seja, o pederasta passivo. Contudo vemos isso de maneira modificada pelo decorrer do tempo, e para entender estes costumes na antiguidade é preciso analisá-los sem tomar juízo de valores relacionados à nossa atualidade, fazendo assim uma tentativa de entender realmente a sexualidade de uma sociedade de mais de dois mil anos. A prostituição era algo muito visível no *Satyricon*, neste caso havia uma espécie de vestimentas que as mulheres usavam para se diferenciarem das prostitutas estas eram colocadas sob esta ótica em Roma, pois se sugere que assim preservaria a virtude das moças e a prostituta pelo contrário era simplesmente um objeto, na qual se alugava ou comprava com toda liberdade. Mas mesmo sendo vista assim essas ‘senhoras do prazer’ tinham um dia de festa que era comemorado no dia 23 de Dezembro. Isso se dava pelo fato de que:

“A primeira notícia que temos dela é anterior, inclusive, à fundação da cidade. Contam as mais antigas tradições romanas que, quando a Vestal Rea Sílvia, depois de ser violentada pelo deus Marte, pariu Rômulo e Remo, estes foram abandonados no rio Tibre, foi uma ‘Loba’ (nome que se dava as prostitutas) chamada Aca Larência, que recolheu e cuidou das crianças. Essa puta, que uma noite tinha feito gozar o deus Marte, recebeu dele próprio, como recompensa pelo prazer

proporcionado, o benefício de se casar com um homem muito rico. Aca, quando morreu, cedeu seus bens ao povo romano com as condições de que a cada ano se celebrassem festas em sua honra, as Larentália, comemoradas em 23 de Dezembro” (CUATRECASAS, 1997:96).

Entrando mais profundamente no assunto temos que levar em conta que o termo “loba” vem do latim “*Lupus*” que significa loba, ao qual era a denominação dada as prostitutas, esta que amamentou os dois irmãos fundadores de Roma foi uma prostituta, podemos indagar se não foi esse o motivo para elas (as prostitutas) serem de certa forma, toleradas em toda a existência do império. Aqui relataremos o adultério e o lesbianismo, estes fatos aparecem no *Satyricon* também, principalmente a questão do adultério, vendo que este era muito realizado na época e enxergado como algo não censurável (para os homens), sendo que a mulher não deveria cometê-lo por que deveria manter os padrões. Na obra de Petrônio, isso não é apontado desta maneira, pois em uma das cenas, a mulher de um cidadão importante vai procurar o leito de uma das personagens principais (Ascilto e Encolpo), dentre vários aspectos apontados temos também que dar um pouco de atenção ao incesto. Vemos que apesar da mitologia clássica nos mostrar que todas as relações entre os deuses eram incestuosas, isso ainda causava certo espanto nos romanos. Interpreta-se que isso se deve aos escândalos que tal ato causava e temos como exemplo figuras conhecidas na história como Calígula, que mantinha relações sexuais com sua irmã Drusila. Ainda vemos trechos sobre o assunto citados por Catulo, Marcial e Suetônio. Nesta passagem de Marcial vemos algo a respeito: “Queres saber, Fábulo, porque não tem mulher? Tem uma Irmã” (CUATRECASAS, 1997: 86 apud MARCIAL, XII, 20). Com isso podemos observar que o incesto, por mais obscuro e desprezível que seja para a sociedade atual, parecia algo não muito perplexo para as pessoas, exceto pelo fato daqueles que levavam o código moral romano a sério, ou os praticantes desses atos fossem pessoas que deveriam dar exemplos como no caso de Nero e Calígula. A zoofilia que é o assunto subsequente, também como os dois ou três anteriores, não se tem muitos escritos, mas apenas alguns resquícios, nesta parte da obra de Cuatrecasas, vemos um texto anônimo no qual conta-se com nitidez dois casos de zoofilia, não será exposto tal texto pela sua extensão, mas sugere-se a leitura do mesmo para melhor compreensão do assunto aqui proposto. Aqui se retrata os *Graffiti de Pompéia*, e a destruição da cidade, que fora descoberto depois de séculos enterrada sob as cinzas do Vesúvio, na qual se manteve um gama de construções e utensílios intactos. Contudo também manteve os *Graffiti* onde podemos observar um costume freqüente dos romanos de relatar com deboche ou insultos atitudes dos cidadãos dessa província romana, na qual nem Marcial escapa das difamações. Em uma das paredes de Pompéia. Percebe-se que Marcial também estava sob perguntas infames da população, pois esse *Graffiti* sugere-nos que mesmo Marcial sendo um *Civita*, também procuraria por prazeres ‘proibidos’ por assim dizer, perante o código de moralidade dos romanos, e estes atos supostamente cometidos por ele almejava certo descontentamento ou deboche perante os demais romanos que se habituavam a registrar nas paredes de toda a Pompéia hábitos destes *civitas*. Dando sequência ao proposto pela pesquisa, em considerar Petrônio como um intelectual, enfatizaremos a origem desse termo que é imputada as pessoas de determinadas categorias na qual desenvolvem profissões ou atividades que requerem especializações e uma instrução em nível superior à maioria das pessoas em determinada sociedade, como por exemplo, na extinta União Soviética, eram considerados intelectuais pessoas como médicos, advogados e engenheiros, denominados como “trabalhadores não manuais” (BOBBIO, 2002: 637). Estes profissionais que usam a capacidade elevada de conhecimento como ferramenta, porém não são diferentes dos trabalhadores manuais, estes homens de grande instrução também está incluído na classe trabalhadora, o proletário. Com isso se observa que mesmo se diferenciando entre os trabalhadores estes não podem ser considerados fora do sistema de produção, pois estes estão inseridos no mesmo. Bobbio aponta que apesar de alguns sociólogos dizerem que os

intelectuais têm uma responsabilidade no aumento da produção e aumento do conhecimento dessa produção o que se encontra é outra ótica da figura do intelectual, essa visão é a seguinte:

“Não é, porém, muito diferente a definição dada por muitos sociólogos americanos, para os quais Intelectuais são os responsáveis pela produção e aplicação dos conhecimentos e dos valores. Neste sentido, a noção de intelectuais se torna sinônimo de *técnicos*, ou, à francesa, de *cadres*”. (BOBBIO, 2002: 637)

Por outro lado em outra definição da origem do termo, é o fato de nos depararmos com um segundo conceito em relação à figura do intelectual, uma aceitação mais vulgar de um indivíduo que se impõem em discussões de cunho popular. Essas pessoas eram consideradas intelectuais pelo fato de se destacarem nos referidos assuntos realizados no dia-a-dia, conseguiram essa espécie de “fama” com o estudo da cultura, assim ganhando argumentações, ganhavam também um domínio sobre esses assuntos públicos. Contudo as definições para o termo intelectual, mesmo sendo discutida e muito, ainda não podem ser consideradas como algo definido, pois o mesmo não pode ser apontado como um termo, mas sim como um comportamento. Uma maneira de caracterizar isso é colocar o termo no sentido próprio da palavra, colocando assim entendemos que, por exemplo, o súbito desaparecimento de nomes como Newton, Galileu, entre outros, “marca simbolicamente, o fim de uma época intelectual e o início mesmo de uma crise de representação de um modelo” (SILVA, 1995: 48). Ao apontarmos estas e outras muitas visões do ‘submundo’ do império romano, apresentado na obra de Petrônio construímos outra problematização que nos cabe perguntar como enquadrar Petrônio como um intelectual de sua época? Em um verbete retirado do *Dicionário de Política* de Carlo Marletti, nos dá uma grande argumentação para que possamos colocar Petrônio dentro destes parâmetros e equipá-lo-á condição de intelectual, o trecho diz que:

“Ainda hoje, de fato, indicar uma pessoa como intelectual não designa somente uma condição social ou profissional, mas subentende a opção polêmica de uma posição ou alinhamento ideológico, a insatisfação por uma cultura que não sabe se tornar política ou por uma política que não quer entender as razões da cultura” (BOBBIO, 2002: 637).

O que foi relatado neste trabalho pode atender a possibilidade de ver Petrônio como um modelo de intelectual de sua época, pois ao analisar as obras citadas ao longo do texto, juntamente com o que podemos colocar com uma visão de contraponto de Petrônio, no caso Sêneca, por exemplo, entende-se que o conceito de comportamento ideal em vários aspectos sociais, tanto sexual como maneiras de se portar em público, realmente existia, mas o que sugere o autor do *Satyricon* em sua obra, não nos indica que isso ocorria na prática. Petrônio, que não colocava sua perspectiva da sociedade romana sob a mesma ótica de Sêneca, leva-nos a refletir sobre isso. E sob esta visão diferenciada dos costumes populares, entende-se que é esse o fato que instiga autores atuais a pensar sobre o tema e analisá-lo sob uma perspectiva de pesquisa que propõe enquadrar Petrônio como um intelectual na época em viveu.

Referências Bibliográficas

ALBA, André. O povo romano. A religião. A família. In: “*Roma*”. Tradução Lycurgo Gomes da Motta, 1ª edição. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1964.

BAILEY, Cyril. *O legado de Roma*. Tradução de Mauro Papelbaum e Luiz Lucchetti Gondim. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

CAVICCHIOLI, Marina R. O Falo na Antiguidade e na Modernidade: Uma leitura Foucaultiana. In: “*Subjetividades Antigas e Modernas*”. São Paulo: Annablume, 2008.

COULANGES, Fustel. *A cidade Antiga*. Tradução de Fernando de Aguiar – 4ª edição, São Paulo Martins Fontes, 1998.

CUATRECASAS, Alfonso. *Erotismo no Império Romano*. Tradução de Graziela Rodriguez. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

DETIENE, Marcel. *A invenção da mitologia*. Tradução: André Telles, Gilza Martins Saldanha da Gama. 2ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, D.F.: UnB, 1998.

FEITOSA, Lourdes e RAGO, Margareth. Somos tão antigos quanto modernos? Sexualidade e Gênero na Antiguidade e na Modernidade. In: “*Subjetividades Antigas e Modernas*.” São Paulo: Annablume, 2008.

FINI, Massimo. *O Imperador Maldito, 2000 anos de mentiras*. Tradução: Mércia Justum e Alessandro Giannini. 1ª edição brasileira. São Paulo: Scritta editorial, 1993.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Cultura popular na antiguidade clássica*, 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1996. (Coleção Repensando a História).

_____. “Política e riso em Pompéia: Ensaio sobre a crítica social popular.” In: *Ética e política no mundo antigo*. Campinas. São Paulo: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2001.

_____. “*Antiguidade Clássica a história e a cultura a partir dos documentos*”. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 1995.

GARRAFFONI, Renata Senna, *Gladiadores na Roma Antiga: dos combates às paixões cotidianas*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2005.

_____. Gladiadores em Movimento: Imagens do corpo e formas de identidade entre os romanos. In: “*Subjetividades Antigas e Modernas*.” São Paulo: Annablume, 2008.

GIORDANI, Mario Curtis. *História de Roma*. 8ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

GUIMARÃES, Marcella Lopes (coord). *Instituições, poderes e jurisdições*./Marcella Lopes Guimarães, Renan Friguetto (coords). In: “El otro poder: vida cotidiana y control social em Roma.” Marcela A. E. Cubillos Poblete. / Curitiba: Juruá, 2007.

GRIMAL, Pierre. *A Vida em Roma na Antiguidade*. Tradução de Victor Jabouille, João Daniel Lourenço e Maria Cristina Pimentel. Cidade de Lisboa: Publicações Europa-América, 1995.

GUDEMAN, Alfred. *Historia de La Literatura Latina*. Barcelona. Editorial Labor, S/A, 1952.

LEMINSKI, Paulo. Tradução da obra de Petrônio, *Satyricon*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. (Coleção Circo de Letras).

MARLETTI, Carlo. Verbetes Intelectuais. In: BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*, SP: 12ª edição; 2002.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*; tradução Maria Beatriz Borba Florenzano. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004.

MOURA, Alessandro R. *Dialogismo e Reflexão Estética em Petrônio: A Guerra Civil*. Dissertação de Mestrado. (Letras). São Paulo: Universidade de São Paulo – USP, 2000.

PARATORE, Ettore. *História da literatura latina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.

PESSÔA, Eduardo. *História do direito romano*. São Paulo: Editora Haebeas, 2002.

RAGO, Margareth e FUNARI, Pedro Paulo A. *Subjetividades Antigas e Modernas*. São Paulo: Annablume, 2008.

RUAS, Miguel. Tradução da obra de Petrônio, *Satyricon*. Rio de Janeiro: Editora TecnoPrint S/A, s/d.

SALLES, Catherine. *Nos Submundos da Antiguidade*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, 1ª edição. São Paulo: editora Brasiliense, 1982.

SANTARRITA, Marcos. Tradução da obra de Petrônio, *Satyricon*. São Paulo: Editora Grandes Sucessos, 1981.

SILVA, Helenice Rodrigues da. Crise ideológica e produção intelectual: esquemas de pensamento próprio a uma situação histórica. *Caderno de História*, Belo Horizonte, volume 1, Número 1, PP. 41-45, Outubro, 1995.

SCHEFFER, Thyago C. D. . Caes Petronius e o seu *Satyricon*: uma leitura da sociedade romana do século I da era cristã. In: XII Encontro Regional dos Estudantes de História Região Sul, Florianópolis – SC: 2010.

VALENTE, Milton S. J. *Ludus, CURSO DE LATIM*. 62ª edição, Paris, 1952

VENTURINI, Renata Lopes B. Viver e Sobreviver na Roma Imperial. In: “*Caderno de Metodologia e Técnica de Pesquisa*” Nº 07”, Suplemento Especial de História, Universidade Estadual de Maringá – UEM, Departamento de Educação, 1994.

VEYNE, Paul. A família e o amor no alto império romano. In “*A sociedade romana*” Lisboa: Edições 70, 1990. (coleção Lugar na História).

_____. A Homossexualidade em Roma. In: “*Sexo e Poder em Roma*”. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

Thyago Christiano Dobbro Scheffer, Acadêmico do 3º. Ano do curso de história pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE *campus* de Marechal Cândido Rondon – PR, orientado pelo Professor Dr. Marcos Luis Ehrhardt.

¹ *Cursus Honorum*, referente a formação política dos cidadãos que ocupavam cargos públicos de suma importância.

² Lê-se “Kiuita”, no latim o “C” tem som de “K”. Referente a cidadão ou cidadãos.

³ Local onde os gladiadores eram treinados para os combates nas arenas, seus donos eram *civitas* romanos conhecidos como “*Ludanistas*”.

⁴ Deus Grego da fertilidade, seu culto era libidinoso.

⁵ Termo referente ao homem que se transfigurava em mulher.